

TIPOS DE MEDIUNIDADE

Amag Ramgis

1. Os **médiuns de efeitos físicos** são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes, ou ruídos, etc. Podem dividir-se em:

- Médiuns [facultativos](#)
- Médiuns [involuntários](#).

[Materialização \(ectoplasma\)](#) - médium **ectoplasta**.

Quando o Espírito está encarnado, a substância do [perispírito](#) se acha mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim nos podemos exprimir. Em algumas pessoas se verifica, por efeito de suas organizações, uma espécie de emanção desse fluido e é isso, propriamente falando, **o que constitui o médium de influências físicas**. A emissão do [fluido animalizado](#) pode ser mais ou menos abundante, como mais ou menos fácil a sua combinação, donde os médiuns mais ou menos poderosos. Essa emissão, porém, **não é permanente, o que explica a intermitência do poder mediúnico**.

São os [médiuns](#) dotados de faculdade capaz de produzir efeitos materiais ostensivos. Seus trabalhos têm a finalidade de chamar a atenção da incredulidade humana para a existência dos Espíritos e do mundo invisível. Produzem fenômenos materiais, tais como:

- Movimento de corpos inertes, .
- Ruídos,
- Voz direta,
- Curas fenomênicas,
- Transportes etc.

Os médiuns de efeitos físicos podem ser divididos em dois grupos:

- Os **facultativos**, que têm consciência dos fenômenos que produzem; .
- E os **involuntários**, ou naturais, que não possuem consciência de suas faculdades e são usados pelos Espíritos para promoverem manifestações sem que o saibam. .

Certas comunicações dadas por Espíritos desencarnados através de aparelhos eletrônicos ([TCI](#)), onde alguns autores disseram não haver necessidade da presença da [mediunidade](#), foram produzidas por ação de **médiuns de efeitos físicos involuntários**.

Esse tipo de médium era muito comum no advento do [Espiritismo](#) e foi muito útil na divulgação das idéias espíritas, chamando a atenção das pessoas para a realidade do fenômeno.

Grupo Espírita Bezerra de Menezes

2. **Sensitivos**: pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos, por uma impressão geral ou local, vaga ou material. .

A maioria dessas pessoas distingue os Espíritos bons dos maus, pela natureza da impressão.

"Os médiuns delicados e muito sensitivos devem abster-se das comunicações com os Espíritos violentos, ou cuja impressão é penosa, por causa da fadiga que daí resulta."

Sensitivos ou Imprevisíveis: são os que são capazes de sentir a presença dos espíritos por uma leve impressão, que não podem compreender. É faculdade rudimentar, indispensável ao desenvolvimento das demais.

Médiuns sensitivos, ou impressionáveis: Chamam-se assim às pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga, por uma espécie de leve roçadura sobre todos os seus membros, sensação que elas não podem explicar. Esta variedade não apresenta caráter bem definido. Todos os [médiuns](#) são necessariamente impressionáveis, sendo assim a impressionabilidade mais uma qualidade geral do que especial. É a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras.

Difere da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual preciso é não seja confundida, porquanto, pessoas há que não têm nervos delicados e que sentem mais ou menos o efeito da presença dos Espíritos, do mesmo modo que outras, muito irritáveis, absolutamente não os pressentem.

Esta faculdade se desenvolve pelo hábito e pode adquirir tal sutileza, que aquele que a possui reconhece, pela impressão que experimenta, não só a natureza, boa ou má, do Espírito que lhe está ao lado, mas até a sua individualidade, como o cego reconhece, por um certo não sei quê, a aproximação de tal ou tal pessoa. Torna-se, com relação aos Espíritos, verdadeiro sensitivo. Um bom Espírito produz sempre uma impressão suave e agradável; a de um mau Espírito, ao contrário, é penosa, angustiosa, desagradável. Há como que um cheiro de impureza.

3. Médiuns Audientes: os que ouvem os Espíritos. Muito comuns.

"Muitos há que imaginam ouvir o que apenas lhes está na imaginação."

Médiuns Audientes: Estes ouvem a voz dos Espíritos. É como dissemos ao falar da [pneumatofonia](#), algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Os **médiuns audientes** podem, assim, travar conversação com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela natureza da voz. Quem não seja dotado desta faculdade pode, igualmente, comunicar com um Espírito, se tiver, a auxiliá-lo, um **médium audiente**, que desempenhe a função de intérprete. Esta faculdade é muito agradável, quando o médium só ouve Espíritos bons, ou unicamente aqueles por quem chama. Assim, entretanto, já não é, quando um Espírito mau se lhe agarra, fazendo-lhe ouvir a cada instante as coisas mais desagradáveis e não raro as mais inconvenientes. Cumpre-lhe, então, procurar livrar-se desses Espíritos, pelos meios indicados em: [Obsessão](#).

4. Falantes: que transmitem pela palavra falada aquilo que os médium escreventes transmitem pela escrita.

Médiuns falantes: os que falam sob a influência dos Espíritos. Muito comuns.

Médiuns falantes: Os médiuns [audientes](#), que apenas transmitem o que ouvem, não são, a bem dizer, **médiuns falantes**. Estes últimos, as mais das vezes, nada ouvem. Neles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atua sobre a mão dos médiuns [escreventes](#).

Querendo comunicar-se, o Espírito se serve do órgão que se lhe depara mais flexível no médium. A um, toma da mão; a outro, da palavra; a um terceiro, do ouvido. O **médium falante** geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas idéias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente guarda lembrança do que diz. Em suma, nele, a palavra é um instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma terceira pessoa pode comunicar-se, como pode com o auxílio de um médium audiente.

Nem sempre, porém, é tão completa a passividade do **médium falante**. Alguns há que têm a [intuição](#) do que dizem, no momento mesmo em que pronunciam as palavras.

RESUMO

Podemos classificar os médiuns falantes em:

[Psicofônicos](#) (os **falantes** propriamente ditos)

- Mecânicos
- Semimecânicos

[Clariaudientes](#) (os que transmitem o que ouvem dos espíritos)

[Intuitivos](#) (os que transmitem informações recebidas em seus pensamentos)

[Inspirados](#) (uma variedade de médiuns intuitivos: sugestões; orientações, idéias).

5. Médiuns videntes: os que, em estado de vigília (acordado), vêem os Espíritos. A visão acidental e fortuita de um Espírito, numa circunstância especial, é muito freqüente; mas, a visão habitual, ou facultativa dos Espíritos, sem distinção, é excepcional.

"É uma aptidão a que se opõe o estado atual dos órgãos visuais. Por isso é que cumpre nem sempre acreditar na palavra dos que dizem ver os Espíritos."

Vidência: Pode apresentar-se:

- De forma **ativa**, em que o sujeito projeta-se e percebe o mundo espiritual,
- Ou **passiva**, em que recebe a imagem em sua mente, como um processo telepático comum.

A vidência ativa pode ser:

Exterior (objetiva), em que o sensitivo capta a ocorrência espiritual como normalmente percebe qualquer objeto do mundo físico que o rodeia, ou **interior** (subjetiva), em que as imagens se sucedem na intimidade da [mente](#), sem a sensação que uma percepção em nível tridimensional pode realmente produzir.

Os **médiuns videntes** são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado [sonambólico](#), ou próximo do sonambulismo.

Raro é que esta faculdade se mostre permanente; quase sempre é efeito de uma crise passageira.

Na categoria dos **médiuns videntes** se podem incluir todas as pessoas dotadas de [dupla vista](#). A possibilidade de ver em sonho os Espíritos resulta, sem contestação, de uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, o que se chama **médium vidente**.

O **médium vidente** julga ver com os olhos, como os que são dotados de dupla vista; mas, na realidade, é a alma quem vê e por isso é que eles tanto vêem com os olhos fechados, como com os olhos abertos; **donde se conclui que um cego pode ver os Espíritos**, do mesmo modo que qualquer outro que têm perfeita a vista.

Sobre este último ponto caberia fazer-se interessante estudo, o de saber se a faculdade de que tratamos é mais freqüente nos cegos.

Espíritos que na Terra foram cegos nos disseram que, quando vivos, tinham, pela alma, a percepção de certos objetos e que não se encontravam imersos em negra escuridão.

Ver:

Médium pintor cego - Orson Peter Carrara

Na obra de Allan Kardec pode ser explicada a partir do esquema abaixo:

Estado de Consciência	<u>Transe Profundo</u> (estado sonambólico e de êxtase , em terminologia kardequiana).	<u>Transe Superficial</u> (crise passageira, em terminologia kardequiana).
Fenômenos Anímicos	Clarividência Sonambúlica ou lucidez	Dupla vista
Fenômenos Mediúnicos	Clarividência mediúnica	Vidência mediúnica
Mecanismo Geral	Emancipação da alma	Emancipação da alma

A chave da distinção entre a **clarividência** e a **vidência mediúnicas**, encontrada na obra kardequiana, reside na extensão (profundidade) do [transe mediúnico](#).

(Retirado do Boletim GEAE Número 329 de 26 de janeiro de 1999)

[Aparições](#) acidentais e espontâneas

São freqüentes, sobretudo no momento da morte das pessoas que aquele que vê amou ou conheceu e que o vêm prevenir de que já não são deste mundo. Há inúmeros exemplos de fatos deste gênero, sem falar das visões durante o sono. Doutras vezes, são, do mesmo modo, parentes, ou amigos que, conquanto mortos há mais ou menos tempo, aparecem, ou para avisar de um

perigo, ou para dar um conselho, ou, ainda, para **pedir um serviço**.

O serviço que o Espírito pode solicitar é, em geral, a execução de uma coisa que lhe não foi possível fazer em vida, ou o auxílio das preces. Estas aparições constituem fatos isolados, que apresentam sempre um caráter individual e pessoal, e não efeito de uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos muito freqüente de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que seja absolutamente estranho ao vidente. A posse desta faculdade é o que constitui, propriamente falando, o **médium vidente**.

Faculdade propriamente dita de ver os Espíritos

Entre esses médiuns, alguns há que só vêem os Espíritos evocados e cuja descrição podem fazer com exatidão minuciosa. Descrevem-lhes, com as menores particularidades, os gestos, a expressão da fisionomia, os traços do semblante, as vestes e, até, os sentimentos de que parecem animados. Outros há em quem a faculdade da **vidência** é ainda mais ampla: vêem toda a população espírita ambiente, a se mover em todos os sentidos, cuidando, poder-se-ia dizer, de seus afazeres.

A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, desenvolver-se, mas é uma das de que convém esperar o desenvolvimento natural, sem o provocar, em não se querendo ser joguete da própria imaginação. Quando o gérmen de uma faculdade existe, ela se manifesta de si mesma. Em princípio, devemos contentar-nos com as que Deus nos outorgou, sem procurarmos o impossível, por isso que, pretendendo ter muito, corremos o risco de perder o que possuímos.

Quando dissemos serem freqüentes os casos de **aparições espontâneas**, não quisemos dizer que são muito comuns. Quanto aos **médiuns videntes**, propriamente ditos, ainda são mais raros e há muito que desconfiar dos que se inculcam possuidores dessa faculdade. E prudente não se lhes dar crédito, senão diante de provas positivas.

Não aludimos sequer aos que se dão à ilusão ridícula de ver os [Espíritos glóbulos](#); falamos apenas dos que dizem ver os Espíritos de modo racional. E fora de dúvida que algumas pessoas podem enganar-se de boa-fé, porém, outras podem também simular esta faculdade por amor-próprio, ou por interesse. Neste caso, é preciso, muito especialmente, levarem conta o caráter, a moralidade e a sinceridade habituais; todavia, nas particularidades, sobretudo, é que se encontram meios de mais segura verificação, porquanto algumas há que não podem deixar suspeita, como, por exemplo, a exatidão no retratar Espíritos que o médium jamais conheceu quando encamados.

Clarividência é a faculdade mediúmica de ver com detalhes não apenas os espíritos, mas cenas do plano espiritual. A percepção via **clarividência**, é mais aprofundada. A pessoa entra em [transe](#), permanecendo, mesmo que por breve tempo, em [estado sonambúlico](#).

Clarividência [do latim *claru + -i + videntia*] - **1.** Para a Doutrina Espírita, é propriedade inerente à alma e que dá a certas pessoas a faculdade de ver sem o auxílio dos órgãos da visão. **2.** Visão mais perfeita, mais clara. Faculdade de ver sem o auxílio dos órgãos da visão. É uma faculdade inerente à própria natureza da alma ou do Espírito, e que reside em todo o seu ser; eis porque em todos os casos em que há emancipação

da alma, o homem tem percepções independentes dos sentidos. No estado corporal normal, a faculdade de ver é limitada pelos órgãos materiais: desprendida desse obstáculo, ela não é mais circunscrita, estende-se por toda a parte onde a alma exerce sua ação: tal é a causa da [visão à distância](#) de que gozam certos sonâmbulos. Eles se vêem no próprio local que observam e descrevem ainda que este se situe mil léguas à distância, visto que, se o corpo não se acha acolá, a alma, em realidade, ali se encontra. Pode-se, pois, dizer que o sonâmbulo vê pelos olhos da alma.

CLARIVIDÊNCIA E CLARIAUDIÊNCIA

A conjugação de ondas mentais surge, presente, em todos os fatos mediúnicos. Idêntico mecanismo preside os fenômenos da [clarividência](#) e da [clariaudiência](#), porquanto, pela associação avançada dos raios mentais entre a entidade e o [médium](#) dotado de mais amplas [percepções visuais](#) e auditivas, a [visão](#) e a audição se fazem diretas, do recinto exterior para o campo íntimo, graduando-se, contudo, em expressões variadas.

Escasseando os recursos ultra-sensoriais, surgem nos médiuns dessa categoria a [vidência](#) e a audição internas, mais entranhadamente radicadas na conjugação de ondas.

Atuando sobre os [raios mentais](#) do [medianeiro](#), o desencarnado transmite-lhe quadros e imagens, valendo-se dos centros autônomos da [visão profunda](#), localizados no [diencéfalo](#), ou lhe comunica vozes e sons, utilizando-se da [cóclea](#), tanto mais perfeitamente quanto mais intensamente se verifique a complementação [vibratória](#) nos quadros de frequência das ondas, ocorrências essas nas quais se afigura ao médium possuir um espelho na intimidade dos olhos ou uma caixa acústica na profundidade dos ouvidos.

Os olhos e os ouvidos materiais estão para a [vidência](#) e para a [audição](#) como os óculos estão para os olhos e o amplificador de sons para os ouvidos — **simples aparelhos de complementação**.

Toda percepção é mental. Surdos e cegos na experiência física, convenientemente educados, podem ouvir e ver, através de recursos diferentes daqueles que são vulgarmente utilizados. A onda hertziana e os raios X vão ensinando aos homens que há som e luz muito além das acanhadas [fronteiras vibratórias](#) em que eles se agitam, e o [médium](#) é sempre alguém dotado de possibilidades neuropsíquicas especiais que lhe estendem o horizonte dos sentidos.

Há médiuns que dizem ver e ouvir, tão-somente pelo processo [curial](#) de percepção na Terra.

Isso acontece, por uma questão de costume cristalizado. O médium pensa ouvir o espírito, através dos condutos auditivos, e supõe vê-lo, como se o aparelho fotográfico dos olhos estivesse funcionando em conexão com o centro da memória, no entanto, isso resulta do hábito. Ainda mesmo no campo de impressões comuns, embora a criatura empregue os ouvidos e os olhos, ela vê e ouve com o cérebro, e, apesar de o [cérebro](#) usar as [células do córtex](#) para selecionar os sons e imprimir as imagens, quem vê e ouve, na realidade, é a [mente](#).

Possuímos urna prova disso, quando o homem se encontra naturalmente [desdobrado](#), cada noite, durante o [sono](#), vendo e ouvindo, a despeito da inatividade dos órgãos carnis, na experiência a que chamam «vida de sonho».

Somos receptores de reduzida capacidade, à frente das inumeráveis formas de energia que nos são desfechadas por todos os domínios do [Universo](#), captando apenas humilde fração delas.

Todos os sentidos na esfera fisiológica pertencem à [alma](#), que os fixa no [corpo carnal](#), de conformidade com os princípios estabelecidos para a evolução dos Espíritos reencarnados na

[Terra.](#)

Em suma, nossa mente é um ponto espiritual limitado, a desenvolver-se em conhecimento e [amor](#), na espiritualidade infinita e gloriosa de [Deus](#).

É necessário concentração para que o médium perceba a presença de um mentor espiritual, que queira apresentar-se, exercendo apenas branda influência sobre o médium, abdicando de qualquer pressão mais forte, suscetível de provocar viciosa imanação, em desfavor do médium.

Se a mente do médium alimentar propósitos diferentes. Se for incapaz de concentrar a atenção, de modo irrepreensível, na região superior do trabalho, não terá êxito.

Zoovidente [do latim *zoo + vidente*] - Animal (principalmente cães e cavalos) que tem a faculdade [anímica](#) de [vidência](#) de Espíritos desencarnados.

6. Médiuns sonâmbulos: os que, em estado de [sonambulismo](#), são assistidos por Espíritos.

Pode considerar-se o **sonambulismo** uma variedade da [faculdade mediúnica](#), ou, melhor, são duas ordens de fenômenos que freqüentemente se acham reunidos: .

O [sonâmbulo](#) age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de [emancipação](#), vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. O que ele externa tira-o de si mesmo; suas idéias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma. .

O [médium](#), ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem de si. .

Em resumo, o **sonâmbulo** exprime o seu próprio pensamento, enquanto que o médium exprime o de outrem. Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum também o pode fazer com um sonâmbulo; dá-se mesmo que, muitas vezes, o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação.

Muitos sonâmbulos vêem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão, como os [médiuns videntes](#). Podem confabular com eles e transmitir-nos seus pensamentos. O que dizem, fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais, lhes é com freqüência sugerido por outros Espíritos. .

Um rapaz **sonâmbulo**, de 14 a 15 anos, de inteligência muito vulgar e instrução extremamente escassa. Entretanto, no estado de **sonambulismo**, deu provas de lucidez extraordinária e de grande perspicácia. Excedia, sobretudo, no tratamento das enfermidades e operou grande número de curas consideradas impossíveis. Certo dia, dando consulta a um doente, descreveu a enfermidade com absoluta exatidão. Não basta, disseram-lhe, agora é preciso que indique o remédio. Não posso, respondeu meu anjo doutor não está aqui. Quem é esse anjo doutor de quem falas? - O que dita os remédios. - Não és tu, então, que vês os remédios? - Oh! Não; estou a dizer que é o meu anjo doutor quem mos dita.

Assim, nesse sonâmbulo, a ação de ver o mal era do seu próprio Espírito que, para isso, não precisava de assistência alguma; a indicação, porém, dos remédios lhe era dada por outro. Não estando presente esse outro, ele nada podia dizer. Quando só, era apenas sonâmbulo; assistido por aquele a quem chamava seu anjo doutor, era **sonâmbulo-médium**.

A lucidez sonambúlica é uma faculdade que se radica no organismo e que independe, em absoluto, da elevação, do adiantamento e mesmo do estado moral do indivíduo. Pode, pois, um [sonâmbulo](#) ser muito lúcido e ao mesmo tempo incapaz de resolver certas questões, desde que seu Espírito seja pouco adiantado. O que fala por si próprio pode, portanto, dizer coisas boas ou más, exatas ou falsas, demonstrar mais ou menos delicadeza e escrúpulo nos processos de que use, conforme o grau de elevação, ou de inferioridade do seu próprio Espírito. A assistência então de outro Espírito pode suprir-lhe as deficiências. Mas, um sonâmbulo, tanto como os médiuns, pode ser assistido por um Espírito mentiroso, leviano, ou mesmo mau. Aí, sobretudo, é que as [qualidades morais](#) exercem grande influência, para atraírem os bons Espíritos.

7. Médiuns Curadores: os que têm o poder de curar ou de aliviar o doente, pela só imposição das mãos, ou pela prece.

"Esta faculdade não é essencialmente mediúnica; possuem-na todos os verdadeiros crentes, sejam médiuns ou não. As mais das vezes é apenas uma exaltação do poder [magnético](#), fortalecido, se necessário, pelo concurso de bons Espíritos."

MÉDIUM PASSISTA

Entendemos que a **mediunidade curativa** se reveste da mais alta importância, desde que alicerçada nos [sentimentos](#) mais puros da mais pura [fraternidade](#).

É claro que não nos reportamos aos [magnetizadores](#) que desenvolvem as forças que lhes são peculiares, no trato da [saúde humana](#).

Referímo-nos, sim, aos intérpretes da Espiritualidade Superior, consagrados à assistência providencial aos enfermos, para encorajar-lhes a ação.

Decerto, o estudo da constituição humana lhes é naturalmente aconselhável, tanto quanto ao aluno de enfermagem, embora não seja médico, se recomenda a aquisição de conhecimentos do corpo em si. E do mesmo modo que esse aprendiz de rudimentos da Medicina precisa atentar para a assepsia do seu quadro de trabalho, o **médium passista** necessitará vigilância no seu campo de ação, porquanto de sua higiene espiritual resultará o reflexo benfazejo naqueles que se proponha socorrer. Eis porque se lhe pede a sustentação de hábitos nobres e atividades limpas, com a simplicidade e a humildade por alicerces no serviço de socorro aos doentes, de vez que semelhantes fatores funcionarão à maneira do tungstênio na lâmpada elétrica, suscetível de irradiar a força da usina, produzindo a luz necessária à expulsão da sombra. O [investimento cultural](#) ampliar-lhe-á os [recursos psicológicos](#), facilitando-lhe a recepção das ordens e avisos dos instrutores que lhe propiciem amparo, e o asseio mental lhe consolidará a influência, purificando-a, além de dotar-lhe a presença com a indispensável autoridade moral, capaz de induzir o enfermo ao despertamento das próprias forças de reação.

André Luiz - 1959

Unicamente para não deixar de mencioná-la, falaremos aqui desta espécie de médiuns, porquanto o assunto exigiria desenvolvimento excessivo para os limites em que precisamos ater-nos. Diremos apenas

que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de [curar](#) pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Dir-se-á, sem dúvida, que isso mais não é do que [magnetismo](#).

Evidentemente, o [fluido magnético](#) desempenha aí importante papel; porém, quem examina cuidadosamente o fenômeno sem dificuldade reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização ordinária é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico; no caso que apreciamos, as coisas se passam de modo inteiramente diverso.

Todos os [magnetizadores](#) são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que nos [médiuns curadores](#) a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta, que é o que constitui a [mediunidade](#), se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem, com razão, ser qualificadas de médiuns curadores recorre à [prece](#), que é uma verdadeira [evocação](#).

Eis aqui as respostas que nos deram os Espíritos às perguntas que lhes dirigimos sobre este assunto:

Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

R - "Não há que duvidar."

Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

R - "É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias."

Há, entretanto, bons magnetizadores que não crêem nos Espíritos?

R - "Pensas então que os Espíritos só atuam nos que crêem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus." Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos?

R - "Faria coisas que consideraríeis milagre."

Há pessoas que verdadeiramente possuem o dom de curar pelo simples contacto, sem o emprego dos passes magnéticos?

R - "Certamente; não tens disso múltiplos exemplos?"

Nesse caso, há também ação magnética, ou apenas influência dos Espíritos?

R - "Uma e outra coisa. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois que atuam sob a influência dos Espíritos; isso, porém, não quer dizer que sejam quais médiuns curadores, conforme o entendes."

Pode transmitir-se esse poder?

R - "O poder, não; mas o conhecimento de que necessita, para exercê-lo, quem o possua. Não falta quem não suspeite sequer de que tem esse poder, se não acreditar que lhe foi transmitido."

Podem obter-se curas unicamente por meio da prece?

R - "Sim, desde que Deus o permita; pode dar-se, no entanto, que o bem do doente esteja em sofrer por

mais tempo e então julgais que a vossa prece não foi ouvida.”.

Haverá para isso algumas fórmulas de prece mais eficazes do que outras?

R - "Somente a superstição pode emprestar virtudes quaisquer a certas palavras e somente Espíritos ignorantes, ou mentirosos podem alimentar semelhantes idéias, prescrevendo fórmulas. Pode, entretanto, acontecer que, em se tratando de pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o uso de determinada fórmula contribua para lhes infundir confiança. Neste caso, porém, não é na fórmula que está a eficácia, mas na fé, que aumenta por efeito da idéia ligada ao uso da fórmula.”.

8. Pneumatografia - (Do grego - pneuma - ar, sopro, vento, espírito, e graphô, escrevo.) - Escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium.

Médiuns pneumatógrafos: os que obtêm a escrita direta. Fenômeno muito raro e, sobretudo, muito fácil de ser imitado pelos trapaceiros.

NOTA. Os Espíritos insistiram, contra a nossa opinião, em incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, de que: "Os efeitos inteligentes são aqueles para cuja produção o Espírito se serve dos materiais existentes no cérebro do médium, o que não se dá na escrita direta. A ação do médium é aqui toda material, ao passo que no médium escrevente, ainda que completamente mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel ativo.”.

Pneumatógrafos: os que têm a capacidade de obter **escrita direta** dos espíritos.

Dá-se este nome aos médiuns que têm aptidão para obter a **escrita direta**, o que não é possível a todos os **médiuns escreventes**. Esta faculdade, até agora, se mostra muito rara.

Desenvolve-se, provavelmente, pelo exercício; mas, como dissemos, sua utilidade prática se limita a uma comprovação patente da intervenção de uma força oculta nas manifestações. Só a experiência é capaz de dar a ver a qualquer pessoa se a possui. Pode-se, portanto, experimentar, como também se pode inquirir a respeito um Espírito protetor, pelos outros meios de comunicação. Conforme seja maior ou menor o poder do médium, obtêm-se simples traços, sinais, letras, palavras, frases e mesmo páginas inteiras. Basta de ordinário colocar uma folha de papel dobrada num lugar qualquer, ou indicado pelo Espírito, durante dez minutos, ou um quarto de hora, às vezes mais. A **prece** e o recolhimento são condições essenciais; é por isso que se pode considerar impossível à obtenção de coisa alguma, numa reunião de pessoas pouco sérias, ou não animadas de sentimentos de simpatia e benevolência.

A **escrita direta**, ou **pneumatografia**, é a que se produz espontaneamente, sem o concurso, nem da mão do médium, nem do lápis. Basta tomar-se de uma folha de papel branco, o que se pode fazer com todas as precauções necessárias, para se ter a certeza da ausência de qualquer fraude, dobrá-la e depositá-la em qualquer parte, numa gaveta, ou simplesmente sobre um móvel. Feito isso, se a pessoa estiver nas devidas condições, ao cabo de mais ou menos longo tempo encontrar-se-ão, traçados no papel, letras,

sinais diversos, palavras, frases e até dissertações, as mais das vezes com uma substância acinzentada, análoga à plumbagina, doutras vezes com lápis vermelho, tinta comum e, mesmo, tinta de imprimir.

A escrita se forma por meio de uma matéria depositada sobre o papel.

A **pneumatografia** é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da [psicografia](#), por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium.

O fenômeno da **escrita direta** é não há negar, um dos mais extraordinários do Espiritismo; mas, por muito anormal que pareça, à primeira vista, constitui hoje fato averiguado e incontestável. A teoria, sempre necessária, para nos inteirarmos da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, talvez mais necessária ainda se faz neste caso que, sem contestação, é um dos mais estranhos que se possam apresentar, porém que deixa de parecer sobrenatural, desde que se lhe compreenda o princípio.

Da primeira vez que este fenômeno se produziu, a da dúvida foi à impressão dominante que deixou. Logo acudiu aos que o presenciaram a idéia de um embuste. Toda gente, com efeito, conhece a ação das tintas chamadas simpáticas, cujos traços, a princípio completamente invisíveis, aparecem ao cabo de algum tempo. Podia, pois, dar-se que houvessem, por esse meio, abusado da credulidade dos assistentes e longe nos achamos de afirmar que nunca o tenham feito. Estamos até convencidos de que algumas pessoas, seja com intuitos mercantis, seja apenas por amor-próprio e para fazer acreditar nas suas faculdades, não empregado subterfúgios.

Uma vez que a possibilidade de escrever sem intermediário representa um dos atributos do Espírito; uma vez que os Espíritos sempre existiram desde todos os tempos e que desde todos os tempos se não produzindo os diversos fenômenos que conhecemos, o da **escrita direta** igualmente se há de ter operado na antiguidade, tanto quanto nos dias atuais. Deste modo é que se pode explicar o aparecimento das três palavras célebres, na sala do festim de Baltazar. .

A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que eram abafados por meio das fogueiras, também conheceu necessariamente a **escrita direta**, e possível é que, na teoria das modificações por que os Espíritos podem fazer passar a matéria, se encontre o fundamento da crença na **transmutação dos metais**.

Todavia, quaisquer que tenham sido os resultados obtidos em diversas épocas, só depois de vulgarizadas as manifestações espíritas foi que se tomou a sério a questão da **escrita direta**. Ao que parece, o primeiro a torná-la conhecida, estes últimos anos, em Paris, foi o barão de Guldenstubbe, que publicou sobre o assunto uma obra muito interessante, com grande número de fac símiles das escritas que obteve. O fenômeno já era conhecido na América, havia algum tempo. A posição social do Sr. Guldenstubbe, sua independência, a consideração de que goza nas mais elevadas rodas incontestavelmente afastam toda suspeita de fraude intencional, porquanto nenhum motivo de interesse havia a que ele obedecesse. Quando muito, o que se poderia supor, é que fora vítima de uma ilusão; a isto, porém, um fato responde peremptoriamente: o de haverem outras pessoas obtido o mesmo fenômeno, cercadas de todas as precauções necessárias para evitar qualquer embuste e qualquer causa de erro.

A **escrita direta** se obtém como, em geral, a maior parte das manifestações espíritas não espontâneas, por meio da concentração, da prece e da evocação. Têm-se produzido em igrejas, sobre túmulos, no sopé de estátuas, ou imagens de personagens evocadas.

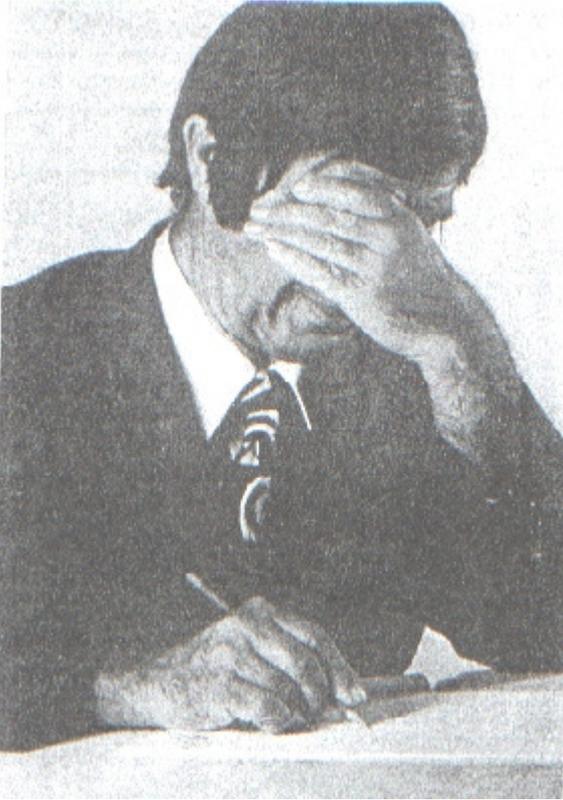
Evidente, porém, é que o local nenhuma outra influência exerce, além da de facultar maior recolhimento espiritual e maior concentração dos [pensamentos](#); porquanto, provado está que o fenômeno se obtém, igualmente, sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel caseiro, desde que os que desejam obtê-lo se achem nas devidas condições morais e que entre esses se encontre quem possua a necessária faculdade mediúnica.

Julgou-se, a princípio, ser preciso colocar-se aqui ou ali um lápis com o papel. O fato então podia, até certo ponto, explicar-se. E sabido que os Espíritos produzem o movimento e a deslocação dos objetos; que, algumas vezes, os tomam e atiram longe. Bem podiam, pois, tomar também do lápis e servir-se dele para traçar letras. Visto que o impulsionam, utilizando-se da mão do médium, de uma prancheta, etc., podiam, do mesmo modo, impulsioná-lo diretamente.

Não tardou, porém, se reconhecesse que o lápis era dispensável, que bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, para que, ao cabo de alguns minutos, se achassem nele grafadas letras. Aqui, já o fenômeno muda completamente de aspecto e nos transporta a uma ordem inteiramente nova de coisas. As letras não de ter sido traçadas com uma substância qualquer. Ora, sendo certo que ninguém forneceu ao Espírito essa substância, segue-se que ele próprio a compôs. Donde a tirou? Esse o problema.

Para escrever dessa maneira, o Espírito não se serve das nossas substâncias, nem dos nossos instrumentos. - Ele próprio fabrica a matéria e os instrumentos de que há mister, tirando, para isso, os materiais precisos, do [elemento primitivo universal](#) que, pela ação da sua vontade, sofre as modificações necessárias à produção do efeito desejado. Possível lhe é, portanto, fabricar tanto o lápis vermelho, a tinta de imprimir, a tinta comum, como o lápis preto, ou, até, caracteres tipográficos bastante resistentes para darem relevo à escrita, conforme temos tido ensejo de verificar. A filha de um senhor que conhecemos, menina de 12 a 13 anos, obteve páginas e páginas escritas com uma substância análoga ao pastel.

9. Médiuns Escreventes



Psicógrafo:

(Do grego - *psiké*, borboleta, alma, e - *graphô*, escrevo.) - Aquele que faz psicografia; médium **escrevente**.

Psicografia:

Escrita dos Espíritos pela mão de um médium.

Abaixo, psicografia de [Chico Xavier](#), pelo espírito Maria Dolores.

Estão, eu me lembrei de vós,
meus amigos!
Entregai-vos às mãos dos Artistas
do Bem,
que eles façam em vós a
música do Além.
Maria Dolores

De todos os meios de comunicação, a **escrita manual** é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. Para ele devem tender todos os esforços, porquanto permite se estabeleçam, com os Espíritos, relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós. Com tanto mais afincado deve ser empregado, quanto é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento, ou da sua inferioridade. Pela facilidade que encontram em exprimir-se por esse meio, eles nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos facultam julgá-los e apreciar-lhes o valor.

Para o médium, a **faculdade de escrever** é, além disso, a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício.

A ciência espírita há progredido como todas as outras e mais rapidamente do que estas. Alguns anos apenas nos separam da época em que se empregavam meios primitivos e incompletos, a que trivialmente

se dava o nome de "[mesas falantes](#)", e já nos achamos em condições de comunicar com os Espíritos tão fácil e rapidamente, como o fazem os homens entre si e pelos mesmos meios: a escrita e a palavra. A escrita, sobretudo, tem a vantagem de assinalar, de modo mais material, a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que se podem conservar, como fazemos com a nossa correspondência. O primeiro meio de que se usou foi o das pranchas e cestas munidas de lápis.